

# **HEINRICH HEINE E SEU TEMPO**

Por

**JOSÉ CARLOS DE RESENDE BAIMA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Rio de Janeiro - Fevereiro - 2019**

## **HEINRICH HEINE E SEU TEMPO**

Trabalho elaborado sob orientação do Professor Doutor Luiz de Barros Montez, do Departamento de Línguas Anglo-Germânicas, pelo aluno José Carlos de Resende Baima, do curso de Letras Português- Alemão, 8º Período.

Rio de Janeiro - Fevereiro - 2019

## HEINRICH HEINE E SEU TEMPO

### INTRODUÇÃO

Heinrich Heine, jornalista, escritor, ensaísta e poeta alemão, nasceu em Düsseldorf, na Renânia, em 1797 e morreu em Paris em 1856. Sua atuação deu-se, portanto, num período de grandes transformações sociais e econômicas na Europa, particularmente na Alemanha, em que ocorreram inclusive duas revoluções, em 1830 e 1848. Foi o escritor mais lido e mais popular do seu tempo. Destacou-se como jornalista crítico e seus artigos, reunidos nos livros *Lutetia* e *Situações francesas*, levaram Otto Maria Carpeaux a considerá-lo precursor do jornalismo moderno. Arguto e lúcido observador dos acontecimentos políticos em uma Alemanha absolutista e ainda com resquícios de feudalismo, com sua ironia e verve, não poupou os poderosos, o exército, o clero, a burguesia alienada e acomodada. Previu o desenrolar da história da Alemanha, inclusive as tragédias que ela causaria. Incomodou tanto os poderosos, que, além das intensas campanhas de difamação, foi colocado no ostracismo, tendo, no final do século XIX sido excluído do ensino escolar. Posteriormente os nazistas determinaram seu banimento da história, como se ele não tivesse existido. Nesse ponto foram até bem sucedidos, pois somente a partir da década de 1960 lhe foi novamente dedicada devida atenção. Suas poesias líricas, como as reunidas no *Buch der Lieder* (Livro das canções, sem edição no Brasil) faziam grande sucesso, tendo mesmo inspirado compositores como Wagner e Schubert. Segundo Otto Maria Carpeaux “... Heine também foi o coveiro do Romantismo, pela penetrante ironia com que analisa e desmente seus sentimentos e sentimentozinhos.” Ele mesmo se considerava “o último romântico”. Do gênero muito apreciado na época, impressões de viagens, Heine produziu *Reisbilder* (Quadros de viagem), em prosa fluente e denotando grande sensibilidade e capacidade de observação. Como ensaísta, produziu *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland* (Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha) e *Die romantische Schule* ( “A escola romântica”, sem edição no Brasil). Após ausência de doze anos, exilado em Paris, Heine visita a Alemanha, no final de 1843 e, relatando suas impressões e experiências, escreve o poema *Deutschland. Ein Wintermärchen*, segundo Walter Grab:

... um das mais significativos poemas políticos em língua alemã. Heine, com muita arte, não só entrelaça indissolivelmente comicidade e elegia, tragédia e humor como exerce uma corrosiva crítica à situação social e política na Alemanha que, como ele pressentia, estava na iminência de um levante revolucionário.

Neste trabalho, essa obra será a principal fonte para procurar apreender a visão de Heine do contexto social, econômico e político dele contemporâneos, e da história recente da Europa, particularmente da Alemanha.

Os conceitos de Heine sobre religião, filosofia, história e temas socioeconômicos, são um tanto controversos, em vista das mudanças por eles sofridas ao longo de sua existência e que são por ele admitidas, como no prólogo da segunda edição de *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland*, em 1852, já quase no fim da vida, em relação à primeira edição, em 1835: “É que desde sua publicação minhas opiniões a respeito de muitas coisas, sobretudo divinas, modificaram-se consideravelmente, e muito do que afirmei agora contradiz minha melhor convicção.”.

“A seta, porém, já não pertence ao arqueiro, tão logo seja arremessada pela corda do arco, e a palavra já não pertence àquele que fala, tão logo lhe escapa aos lábios e é reproduzida no prelo. Além disso, direitos alheios poderiam ser revocados como provas contra mim se deixasse de publicar este livro e o suprimisse de minhas obras completas. Como muitos escritores fazem nesse caso, poderia proteger-me sob um abrandamento das expressões, sob dissimulações perifrásicas; mas do fundo do coração odeio as palavras dúbias os floreios hipócritas, as covardes *folhas de figueira*<sup>1</sup>.

Na composição de suas sátiras Heine resgata personagens e acontecimentos da história do que hoje é a Alemanha, que é remota e complexa. O que se segue é uma tentativa de sintetizar dois mil anos de história até chegar ao contexto vivenciado por Heine. Sempre que possível serão trazidos ao texto, à medida que surjam, a

---

<sup>1</sup> Jogo de palavras que só faz sentido em alemão: folha de figueira em alemão é *Feigenblatt* (*Feige*, figo, e *Blatt*, folha) e *feig* é covarde.

interpretação e o conceito de Heine sobre acontecimentos e personagens históricos a que ele atribuiu importância.

### (Título) ????

Os germanos surgiram no fim da idade da pedra mais recente e trouxeram para o oeste a cultura megalítica. Sua língua pertence à família das indo-germânicas. O nome germanos foi citado primeiramente por Possidônio em 90 a.C.. Posteriormente foram citados por Plínio (79 d.C.) na sua *Naturalis Historia* e por Ptolomeu na sua Geografia Mundial dos Gregos. Distinguem-se três grupos de germanos: os do norte, na Escandinávia, os do leste, oriundos dos do norte, ocuparam a região leste do rio Elba e os do oeste, na região dos rios Reno, Weser e Mar do Norte. Os do oeste foram divididos por Plínio em três grupos, sem distinções étnicas, mas culturais: os *ingwäonen*, no Mar do Norte, os *istwäonen*, no Reno e os *herminonen*, no interior. Entre as tribos pertencentes aos *herminonen* estão os francos e os queruscos.

Aos queruscos pertencia Armínio, figura mítica na história da Alemanha. Logo após seu nascimento, em 16 a.C, o território dos queruscos foi conquistado pelo, mais tarde, imperador romano Tibério. Na tentativa de formar uma aliança com os queruscos, Tibério ofereceu ao pai de Armínio educação e perspectiva de carreira no império romano para o filho. A oferta foi aceita e cumprida, e Armínio chegou a Tribuno, em Roma, acompanhou o exército de Tibério em campanhas em território germânico e recebeu os direitos de cidadão romano. De volta à terra natal, serviu sob o comando do general romano Públio Quintino Varo que, posteriormente, recebeu ordens de Roma de tornar províncias romanas os territórios ocupados. Varo passou a tratar os germanos como súditos e a cobrar impostos. Armínio reuniu várias tribos germânicas e, valendo-se da confiança junto aos romanos, levou-os a uma emboscada, na floresta de Teutoburgo, onde as tropas romanas foram massacradas. O episódio passou à história como a Batalha de Teutoburgo e Armínio cem anos depois foi cognominado por Tácito, na sua obra *Germania* o “Libertador da Germânia”. Isso foi utilizado séculos depois pelos adeptos da Reforma como propaganda para confrontar o poder da Igreja romana. Na segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, o mito de Armínio serviu aos nacionalistas defensores da unificação da Alemanha e posteriormente à propaganda nazista. Armínio morreu em 21 d.C., provavelmente

assassinado pelo sogro, chefe tribal germano. Inspirado na Batalha de Teutoburgo Heine produziu uma sátira genial, no Capítulo XI de *Deutschland. Ein Wintermärchen*, em que ele pinta o que seria a Alemanha se Varus tivesse vencido a batalha. Nesse poema Heine satiriza várias personalidades de destaque na época. A transcrição a seguir, como todas as que eventualmente surjam, é uma tradução literal, sem preocupação com rima ou com métrica:

### A batalha de Teutoburg

Das ist der Teutoburger Wald,  
Den Tacitus beschrieben,  
Das ist der klassischer Morast,  
Wo Varus steckenblieben.

Eis a Floresta de Teutoburgo,  
Que Tácito descreveu,  
Eis o clássico atoleiro,  
Onde Varus estancou.

Hier schlug ihn der Cheruskerfürst,  
Der Hermann, der edler Recke;  
Die deutsche Nationalität,  
Die siegte in diesem Drecke.

Aqui o venceu o príncipe querusco,  
O Senhor, o nobre guerreiro;  
A nacionalidade alemã,  
Que venceu neste lamaçal.

Wenn Hermann nicht die Schlacht gewann,  
  
Mit seinem blonden Horden,  
gäb es deutsche Freiheit nicht mehr,  
Wir wären römisch geworden!

Se o Senhor não tivesse vencido a  
batalha,  
Com sua loura horda,  
Não mais haveria a liberdade alemã,  
Nós nos teríamos tornado romanos!

In userem Vaterland herrschten jetzt  
Nur römische Sprache und Sittten,  
  
Vestalen gäb es in München sogar,  
Die Schwaben hießen Quiriten!

Em nossa pátria dominariam agora  
Somente a língua e os costumes  
romanos,  
Haveria vestais até em Munique,  
Os suábios se chamariam quirites.

Der Hengstenberg wär ein Haruspex  
Und grübelte in den Gedärmen

Hengstenberg seria um ?????  
E faria adivinhações em vísceras

Von Ochsen. Neander wär ein Augur  
Und schaute nach Vögelschwärmen.

Bovinas. Neander seria um áugure  
E perscrutaria bandos de pássaros.

Birch-Pfeiffer söffe Terpentin,  
Wie einst die römische Damen.  
(Man sagt, daß sie dadurch den Urin  
Besonders wohlriechend bekamen.)

Birch-Pfeiffer sorveria terebentina  
Como outrora as damas romanas.  
(Diz-se que assim a urina  
Singularmente olorosas teriam.)

Der Raumer wäre kein deutscher Lump,  
Er wäre ein römischer Lumpacius.  
Der Freiligrath dichtete ohne Reim,  
Wie Weiland Flaccus Horatius.

Raumer não seria um patife alemão,  
Mas um patifacius romano.  
Freiligrath versejaria sem rima,  
Como o falecido Flaccus Horatius.

Der grobe Bettler, Vater Jahn,  
Der hieße jetzt Grobianus.  
*Me Hercule!* Maßmann spräche Latein,  
Der Marcus Tullius Maßmanus!

O tosco esmoler, Pai João,  
Agora se chamaria Tuscus.  
*Me Hercule!* Maßmann falaria latim,  
O Marcus Tullius Maßmanus!

Die Wahrheitsfreunde würden jetzt  
  
Mit Löwen, Hyänen, Schakalen  
Sich raufen in der Arena, anstatt  
Mit Hunden in kleinen Journalen.

Os amigos da verdade teriam agora  
que  
Com leões, hienas, chacais  
Na arena lutar, em vez de  
Com cães em pequenos jornais.

Wir hätten Einen Nero jetzt,  
Statt Landesvätter drey Dutzend.

Teríamos agora um Nero,  
Em vez de três dúzias de pais da  
pátria.

Wir schnitten uns die Adern auf,  
Den Schergen der Knerchtschaft trutzend.

Nós nos cortaríamos as veias,  
Como resistência aos esbirros da  
servidão.

Der Schelling wär es ganz ein Seneca,  
Und käme in solchem Konflikt um.  
Zu unserem Cornelius sagten wir:

Schelling seria na certa um Sêneca,  
E morreria em tal conflito.  
Ao nosso Cornelius diríamos:

*Cacatum non est pictum.*

Gottlob! Der Hermann gewann die Schlacht,

Die Römer wurden vertrieben,  
Varus mit seinen Legionen erlag,  
Und wir sind Deutsche geblieben!

Wir bleiben deutsch, wir sprechen deutsch,

Wie wir es gesprochen haben;  
Der Esel heißt Esel, nicht *asinus*,  
Die Schwaben blieben Schwaben.

Der Raumer blieb ein deutsche Lump  
In unserem deutschen Norden.  
In Reimen dichtet Freiligrath,  
Ist kein Horaz geworden.

Gottlob, der Maßmann spricht kein Latein,  
  
Und säuft nicht schnöden Terpentin  
Wie Roms galante Damen.

O Hermann, dir verdanken wir das!  
  
Drum wird dir, wie sich gebühret,  
Zu Detmold ein Monument gesetzt;  
  
Hab selber subskribieret.

*Cacatum non est pictum.*

Deus seja louvado! O Senhor  
ganhou a batalha  
Os romanos foram expulsos,  
Varus e suas legiões sucumbiram,  
E nós permanecemos alemães!

Nós permanecemos alemães,  
falamos alemão,  
Como falávamos;  
O asno se chama asno, e não *asinus*,  
Os suábios permanecem suábios.

Raumer continua um patife alemão  
No nosso norte alemão.  
Em rimas verseja Freiligrath,  
Não se tornou nenhum Horácio.

Deus seja louvado, Maßmann não  
fala latim,  
E não bebe a vil terebentina,  
Como as galantes damas romanas.

Ó Senhor, a ti isso nós  
agradecemos!  
Por isso a ti foi, como devido,  
Em Detmold um monumento  
erigido;  
Eu mesmo o subescrevi.

Algumas referências sobre as personalidades citadas no poema:



Ernst Wilhelm Hengstenberg (1802-1869): professor de teologia, pietista ortodoxo, líder da ala conservadora da Igreja Luterana, combatia os teólogos liberais e os racionais.

Heine o cita no capítulo V, sobre os franceses, em *Deutschland. Ein Wintermärchen* :

Sie werden Philister wie wir,	Eles tornaram-se filisteus como nós,
Und treiben es endlich noch ärger;	E ainda pior;
Sie sind keine Voltairianer mehr,	Não são mais voltairianos,
Sie werden Hengstenberger.	Tornaram-se hengstenberguianos.

Neander (1789-1850): nascido em Göttingen, em família judia, com o nome de David Mendel, converteu-se ao cristianismo, quando adotou o nome de Johann August Wilhelm Neander e tornou-se teólogo cristão renomado.

Charlotte Birch-Pfeiffer (1780-1868): atriz e escritora de sucesso, produziu cerca de 90 peças teatrais, a maior parte adaptações para teatro de obras de outros autores.

Friedrich Ludwig Georg Raumer (1781-1873): em 1848 foi eleito membro de centro-direita do Parlamento de Frankfurt, apoiando a proposta de unificação da Alemanha como Império Alemão, sob a supremacia da Prússia.

Ferdinand Freiligrath (1810-1873): poeta lírico (considerado medíocre por Heine), tradutor e jornalista.

Hans Ferdinand Massmann (1797 – 1874): filologista alemão, conhecido por seus estudos da língua e da literatura alemãs antigas e pela introdução da ginástica nas escolas da Prússia. Foi aluno e amigo de Jahn. Lutou nas guerras de libertação, foi membro da Fraternidade (*Jugendenschaft*) de Jena e participou do Festival de Wartburgo e na queima de livros. Suas ideias radicais e simpatias “demagógicas” lhe trouxeram dificuldades com as autoridades.

Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão idealista, conquistou a amizade e admiração de Goethe, mas por quem Heine não tinha o menor apreço, e a quem se referiu sempre, ironicamente, como “senhor Schelling” na *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*:

“Pois o senhor Schelling é uma dessas criaturas às quais a natureza concedeu mais inclinação para a poesia do que potência poética e que, incapazes de

contentar as filhas do Parnaso, refugiam-se nos bosques da filosofia e ali vivem o mais estéril matrimônio com hamaríades abstratas.”

“Não é absolutamente possível compará-lo ao senhor Schelling, pois Hegel era um homem de caráter.”

“.... ao passo que o senhor Schelling se arrasta como um verme pelas antessalas de um absolutismo prático e teórico, ajuda a fundir os grilhões do espírito no antro dos jesuítas...”

Com “três dúzias de pais da pátria”, Heine refere-se ironicamente aos trinta e seis príncipes dos estados que compunham na época, meados da década de 1840, o Reino da Alemanha.

Com “lutar contra cães em pequenos jornais” Heine provavelmente dirige-se aos poetas de esquerda radical com quem mantinha relação tensa e a quem chamou de “Mitwölfe” (algo como “parceiros lobos”), estirpe mais nobre que os cães, no diálogo que com eles manteve na campina em Padeborn, no capítulo XII de *Deutschland. Ein Wintermärchen*.

“ (...)

Ich bin kein Schaf, ich bin kein Hund	Não sou nenhum cordeiro, nem nenhum cão
---------------------------------------	--

Kein Hofrat und kein Schellfisch* –	Nenhum magistrado nem peixe –
-------------------------------------	-------------------------------

\*(melanogrammus aegelfinus)

Ich bin ein Wolf geblieben, mein Herz	Permaneci lobo, meu coração
Und meine Zähne sind wölfisch	e meus dentes são de lobo

Ich bin ein Wolf und werde stets	Sou um lobo e continuarei
Auch heulen mit den Wölfen –	também a uivar com os lobos -

Ja, zählt auf mich und helft euch selbst,	Sim, contem comigo e ajudem a si mesmos
---	--

Dann wird auch Gott euch helfen!”	Então também Deus vos ajudará!”
-----------------------------------	---------------------------------

As regiões sul e oeste da Germânia fizeram parte do Império Romano. O historiador Tácito (55-116 d.C.), em *Germânia*, apresenta um panorama da região e uma descrição detalhada do aspecto físico e dos costumes das tribos germânicas que as

habitavam. Com exceção do louvor ao recato de suas mulheres, as referências à Germânia e aos povos germânicos não são muito lisonjeiras. Um tanto sarcasticamente, supõe que seus habitantes seriam autóctones, pois quem “iria para a Germânia, com sua paisagem áspera, seu clima hostil, sua insipidez geral aos sentidos e aos olhos, a não ser quem more lá?”. Com o declínio do Império Romano no século V d.C. as comunidades germânicas passaram para o domínio dos francos, cujo rei Cloves derrotou o último governador romano na Gália, em 486, e estabeleceu a dinastia merovíngia. Posteriormente os chamados alamanos, saxões e bávaros foram incluídos no Império Franco. Em 751, com a deposição dos merovíngios, o rei católico Pepino foi eleito com apoio dos bispos franceses, iniciando assim a tradição da origem divina do direito ao trono. Em 771, com a morte de Pepino, assumiu o trono seu filho Carlos Martel, que viria a ser conhecido como Carlos, o Grande, ou Carlos Magno. Alguns autores consideram como marco inicial da história da Alemanha a anexação da Lombardia, da Baviera, da Saxônia e da Áustria, quando da ascensão de Carlos Magno ao trono. Em 732 Carlos Martel, na batalha de Poitiers, já havia vencido o exército muçulmano, contendo seu avanço nos Pirineus. Em 774 Carlos Magno ampliaria o reino franco com algumas expansões que unificaram grande parte da Europa, abrangendo a França atual, o norte da Itália e a Saxônia. Em 800, em Aachen, Carlos Magno foi coroado Imperador, criando o Império “Romano” no Ocidente. Sua corte era itinerante e o poder local exercido por cerca de 300 condes nos seus respectivos condados. Essa pulverização do exercício do poder e mais a interação entre os poderes secular e eclesiástico, com o clero e bispos exercendo funções administrativas, foram causa de disputas internas, que o Tratado de Verdun, em 843, procurou conciliar. Ficou estabelecido que apenas uma parte do Reino Franco, a oriental, ficasse com os carolíngios. Nessa região se desenvolveram os “Ducados de Stem”, Francônia, Saxônia, Suábia, Baviera e Lorena, cujos líderes uniram-se e tornaram-se mais fortes que o rei franco. A consequência foi a eleição do duque da Francônia, Conrado I, como primeiro rei alemão. Para alguns historiadores esse seria realmente o início da história da Alemanha, embora haja razões para se duvidar de que até à Baixa Idade Média os territórios onde se falavam línguas germânicas constituíssem realmente uma única sociedade politicamente organizada. Da ascensão de Henrique I (dinastia saxônica) ao trono em 919, até a morte de Henrique III (dinastia saliana) em 1056, a Alemanha caracterizou-se pela organização feudal da sociedade, pelo domínio de uma aristocracia militar e pela relação em geral harmônica entre Igreja e Estado, o que levou ao

desenvolvimento do que viria a ser o Sacro Império Romano-germânico. Em 936, o filho de Henrique I fez-se coroar rei Oto I, também em Aachen, para simbolizar sua ascensão como sucessor de Carlos Magno.

Na Idade Média, para preservar o caráter da origem divina de seu poder, os monarcas alemães tinham que ser coroados pelo Papa, em Roma, e seus deslocamentos até lá implicavam ausências prolongadas de seus reinos. As consequências eram acabar envolvendo-se em questões internas na Itália (em parte causadas pela concorrência com o Papa, pois a interação Igreja-Estado nem sempre era harmônica) e nos retornos terem que enfrentar sérios problemas de defesa de seus territórios e agitações oriundas de disputas internas.

O período entre meados do século XI e meados do século XII caracterizou-se por conflitos políticos e religiosos e pelo surgimento de dinastias influentes na história alemã, como os Guelfos da Saxônia, os Wittelbach na Baviera e os Gibelinos, ou Hohenstauffen, que receberam o ducado da Suábia. As disputas políticas só cessaram sob a dinastia dos Hohenstauffen, que reinaram de 1.138 a 1.254, particularmente sob Frederico I, o Barba-Roxa, ou Barba-Ruiva, ou Barbarossa (1122-1190), que reinou de 1.152 a 1190.

Em 1152, o então duque Frederico IV da Suábia foi eleito rei da Alemanha, tendo sido coroado também em Aachen. Em 1155 foi coroado monarca supremo do Império Romano-Germânico pelo papa Alexandre IV, como Frederico I. Dois anos depois foi incorporado o termo *sacro* ao nome do império.

O poder na Alemanha era exercido por centenas de autoridades locais, sobre seus principados (que elegiam o rei), ducados, bispados, sendo o título monárquico quase que honorífico. Frederico I dedicou-se a tentar unificar o reino sob o poder efetivo da monarquia. Alguns historiadores o consideram o maior imperador medieval do Sacro Império Romano-Germânico graças às qualidades que o distinguiam dos seres humanos comuns, a começar por sua longevidade excepcional para a época (68 anos), aliada às suas habilidades organizacionais, militares e políticas. Graças a isso, sobre ele surgiram muitas lendas, entre elas a de que não teria morrido, mas apenas está dormindo, de olhos entreabertos, com seus cavaleiros, em uma caverna nas montanhas Kyffhäuser, na Turíngia, e quando a revoada de corvos ao redor da montanha cessar, ele se levantará para restaurar a antiga glória da Alemanha. De tempos em tempos ele manda um garoto verificar se os corvos pararam de voar. Ainda segunda essa lenda, sua barba continua crescendo sobre a mesa à qual ele se senta.

Barba-Roxa protagonizou um episódio curioso: saqueou as relíquias que se acreditava serem dos Três Reis Magos da Basílica de Sant’Estorgio, em Milão, e as presenteou ao Arcebispo de Colônia, Rainald de Dassel. Atualmente essas relíquias estão no Santuário dos Reis Magos, na Catedral de Colônia.

Frederico I morreu afogado no rio Saleph, atualmente chamado Göksu, na Turquia, e seus guerreiros tentaram, sem êxito, preservar seu cadáver, mergulhando-o num tonel de vinagre.

Com o intuito de fomentar a recriação de um Império Alemão, no século XIX, foi construído o Monumento de Kyffhäuser, com o patrocínio do imperador Guilherme I da Prússia, pretensa reencarnação de Frederico Barbarossa.

No Capítulo XIV de *Deutschland. Ein Wintermärchen*, Heinrich Heine narra a lenda, com Barba-roxa no papel de vingador que, chegado o momento, empunhando a bandeira preta-vermelha-dourada, investirá contra os que assassinaram a jovem Germânia. Ao final do poema, da menção a que os alvos da fúria de Barbarossa “em seus castelos” não estariam a salvo de sua fúria, depreende-se que Heine se referia aos príncipes alemães.

No Capítulo XV Heine, em sonhos, visita o Imperador em sua caverna na montanha e já não o apresenta com porte tão majestático, mas relutante em agir, mesmo instado pelo poeta. Alega ainda que não dispõe de cavalos suficientes, ao que o poeta ironicamente sugere que então utilize asnos.

Novamente em sonhos, no Capítulo XVI Heine visita Barbarossa, e no diálogo entre eles fica patente o apego do imperador a valores anacrônicos, o que leva o poeta a chama-lo de “velho personagem de fábula”, a bradar que “nós nos libertaremos sem ti”, um “fantasma de cetro e coroa”, a renegar a bandeira preta-vermelha-dourada e a arrematar com um “não precisamos de nenhum imperador”.

A dinastia Hohenstauffer deixou o poder em 1254. Houve um interregno até 1273, quando a família Habsburgo assumiu o poder na Áustria e se manteve, principalmente por meio de casamentos de conveniência com membros de outras nobrezas, até 1918.

No decorrer do século XIII houve na Alemanha proliferação de cidades, algumas a partir de fundações romanas, outras propositadamente como local de residência da nobreza e sede administrativa e muitas como consequência da expansão do comércio e da produção. A organização política era muito descentralizada, daí não ter surgido uma capital como Londres ou Paris. Duas situações refletiam a importância das cidades:

havia as *Landesstädte*, subordinadas a um governante local e as *Reichstädte* livres (*Freistädte*), subordinadas diretamente ao imperador. Eram constantes entre elas disputas bélicas e comerciais e o poder central, do imperador, não era suficiente para manter a paz. Algumas se organizaram em ligas ou alianças, sendo a maior delas, a Liga Hanseática, no norte, capitaneada pela cidade de Lübeck. Ainda no século XIII, a expansão demográfica levou à colonização de territórios na parte leste pelos Cavaleiros da Ordem Teutônica, que realizaram uma cruzada contra os eslavos pagãos. Sob o domínio de seus grão-mestres foi criado ali o Estado da Prússia. No século XV os Cavaleiros Teutônicos foram perdendo poder, até serem derrotados pela Polônia (Guerra dos Treze Anos, 1453-1466).

Da segunda metade do século XIV a meados do século XV, houve aumento do poder dos príncipes territoriais, em detrimento dos poderes imperiais. A partir da metade do século XV, terras e recursos se tornaram escassos e levaram à ocorrência de guerras camponesas periódicas, principalmente no leste da Alemanha.

A partir de 1438 a sucessão de imperadores Habsburgos foi quase contínua até o fim do Sacro Império em 1806. Sob Rodolfo I (1273-1291) e seu filho Alberto (1298-1291) houve certa centralização do poder imperial. Carlos IV, a partir de Praga (1346-1378), promoveu reformas constitucionais que, por se adequarem à realidade política do Império, proporcionaram estabilidade por cerca de quatrocentos anos, ou seja, até seu fim, em 1806.

O estabelecimento de regras para as eleições da monarquia foi fundamental para a organização de um império de estrutura extremamente complexa. Em torno de 1500 havia na Alemanha sete principados eleitorais, cerca de vinte e cinco grandes principados seculares, noventa principados eclesiásticos, cem condados e muitos territórios senhoriais de menor importância. O Império proporcionava uma frágil união entre esse complexo conjunto de atores políticos.

O sistema político alemão, na época, era constituído pelas dietas (*Reichtage*) e pelas *Landtage*. As dietas eram assembleias imperiais, com participação do imperador, dos príncipes, dos chefes de territórios eclesiásticos, de cavaleiros independentes e de representantes de cidades imperiais e tratavam de questões que afetavam todo o império. As *Landtage* eram assembleias territoriais que reuniam o príncipe e representantes das classes privilegiadas para discussão de problemas de âmbito local.

Um fato importante foi a restauração do direito romano.

Em 1525, Albrecht von Hohenzollern, grão-mestre dos Cavaleiros Teutônicos converteu-se ao protestantismo, secularizou os territórios da Ordem e tornou-se o primeiro duque alemão do hereditário Ducado da Prússia. Os Hohenzollern, originários de Suábia, já dominavam a província fronteira de Brandemburgo. Prússia e Brandemburgo eram territórios economicamente frágeis, subdesenvolvidos e sub-urbanizados, mas que mais tarde se tornariam um estado poderoso, com papel crucial na história da Alemanha no final do século XIX e início do século XX. Nessa região surgiu uma aristocracia rural, que controlou a política e a sociedade prussiana até a metade do século XX, os *junkers* (de *Jung Herr*), termo possivelmente originado por se tratarem de “jovens senhores” que, sem direito a herança, buscaram fazer fortuna nos territórios orientais.

A Igreja tinha ação de destaque na organização política e social e influência nas áreas cultural e intelectual. Os bispos, detentores de poder temporal, causavam mais temor ao povo que os príncipes aristocráticos, pois podiam impor penalidades duplas: seculares e eclesiásticas.

As divergências teológicas no âmbito da Igreja não afetavam muito a religião popular numa população de maioria analfabeta e apegada a bruxaria e a rituais, temente à condenação ao inferno. A Igreja, entretanto, explorava o anseio à salvação numa vida após a morte, acenando com a possibilidade de alcançá-la por meio de boas ações e de doações aos cofres da instituição. Essas “indulgências” eram compradas para assegurar a salvação própria e mesmo a de terceiros.

Esses desvios e abusos da Igreja mereceram, em 1515, a crítica do monge e professor de teologia Marinho Lutero, por meio da afixação de 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, como era a maneira, na época, de provocar um debate público. A consequência foi realmente grande controvérsia que levou a um cisma irreconciliável entre os cristãos europeus, que resultou na chamada Reforma. Graças às técnicas de impressão já disponíveis, as teses em pouco tempo foram distribuídas por toda a Europa. Lutero tinha alguma afinidade com o Iluminismo no que tangia ao repúdio à escolástica e à tutela clerical. Além das 95 teses, Lutero continuou escrevendo na defesa de suas ideias, apesar da ameaça de excomunhão, que acabou ocorrendo em 1521. Foi preso no castelo de Wartburgo, onde passou um ano escrevendo livros e traduzindo o Novo Testamento para o alemão vernáculo, o que foi de extrema importância para a padronização do idioma alemão escrito.

Alguns tópicos das teses de Lutero:

- para a salvação não bastam boas ações, é necessária a fé e a concessão de Deus;
- as Sagradas Escrituras são a fonte da autoridade, e não o Papa, nem os Conselhos Gerais, e cada um deve ter seu próprio entendimento delas;
- o clero deve ser o divulgador, o pregador da palavra de Deus e não o intermediário entre os homens com ritos e sacramentos ineficazes;
- é proibida a adoração de imagens;
- os padres podem não se submeter ao celibato;
- a Igreja deve ser submetida ao Estado;
- o sacerdócio não pode ter o monopólio do que seria uma vida sagrada; a vida diária de cada um pode realizar a vontade de Deus;
- os cultos devem ser realizados na língua alemã.

Essas ideias de Lutero ensejaram o surgimento de várias interpretações das Escrituras e a divulgação e defesa delas por seus autores, suscitando divergências e o surgimento de diversas confissões religiosas, que viriam a compor o denominado “protestantismo”.

Em sua *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*, temos alguns conceitos de Heine sobre Lutero e sua doutrina:

- (...) o fato de que Lutero não é apenas o maior homem de nossa história, mas também o mais alemão; de que em seu caráter estão reunidos, da forma mais esplêndida, todos os defeitos e virtudes do alemão; de que representa pessoalmente a maravilhosa Alemanha.
- (...) homem absoluto, no qual espírito e matéria não estavam cindidos.
- Quando Lutero proferiu a frase de que se deveria refutar sua doutrina apenas através da Bíblia ou de fundamentos racionais, estava dando à razão o direito de explicar a Bíblia, e ela, a razão, foi reconhecida como juíza suprema de todos os litígios religiosos. Com isso, surgiu na Alemanha a chamada liberdade de consciência ou liberdade de pensamento, como também é denominada.” (...) “Os príncipes que adotaram a Reforma legitimaram essa liberdade de pensamento, e a filosofia alemã é um produto importante, mundialmente importante de tal liberdade.

Essa liberdade de pensamento é louvada por Heine, que admite sua vigência plena, sob a égide de Frederico II, o Grande, rei da Prússia (de 1740 a 1786), embora faça a ele sérias restrições, pelo seu desprezo pela cultura alemã. Sucedido por Frederico Guilherme III, a quem imputa o conluio com o partido Ultramontano, “no



sentido de suprimi-la (a liberdade de pensamento e de expressão), para isso utilizando frequentemente a arma que o papado concebeu e usou por primeiro contra nós: a censura.” A censura levou ao cerceamento da liberdade de imprensa, o que valeu a consideração de Heine de que “... a liberdade de imprensa não é senão a consequência da liberdade de pensamento, portanto, um direito protestante. O alemão já verteu seu melhor sangue por direitos dessa natureza e bem poderia ser levado a bater-se de novo por eles.”.

Prosseguindo no tema, Heine aborda a liberdade acadêmica:

“Desde que se acredita ter descoberto que aquilo que predomina nas universidades é, sobretudo, agitação política, ou seja, amor à liberdade, desde então por todo lado se insinua ao soberano que essas instituições precisam ser suprimidas ou ao menos transformadas em estabelecimentos de ensino comum.”  
 (...) “Apenas a propaganda católica compreendeu o significado delas: os pios obscurantistas são os inimigos mais perigosos do nosso sistema universitário, agindo, traiçoeiramente, com mentira e engano contra ele, e a intriga jesuíta se revela mesmo quando algum deles dá a amável impressão de querer falar em favor das universidades. Esses covardes hipócritas bem sabem que o que têm a ganhar nesse jogo. Pois, juntamente com as universidades, cai também a Igreja protestante, que desde a Reforma somente nelas se enraíza, a ponto de nos últimos dois séculos a história da Igreja protestante constituir-se quase unicamente de disputas teológicas dos eruditos das universidades de Wittenberg, Leipzig, Tübingen e Halle.”

(...) (Lutero) Deu também a palavra ao pensamento. Criou a língua alemã. Isso ocorreu quando traduziu a Bíblia. (..) Essa língua escrita ainda é dominante na Alemanha e dá unidade literária a esse país política e religiosamente fragmentado.

Na Dieta de Worms, em 1521, Lutero teve que defender suas teses diante do imperador Carlos V. Assim a interpretou Heine:

As pessoas ilustres reunidas no Salão Imperial em Worms, no ano de 1521, acalentavam em seu íntimo os mais diversos pensamentos, que estavam em

contradição com as palavras que pronunciavam. Achava-se ali um jovem imperador que, num contentamento juvenil com o poder, envolvia-se em seu novo manto de púrpura e secretamente se alegrava de que o orgulhoso romano, que tantas vezes maltratara os antepassados no Império e ainda não abrira mão de suas usurpações, agora recebesse a mais eficaz reprimenda. O representante desse romano, por sua vez, alimentava uma secreta alegria com o surgimento da discórdia entre aqueles alemães, que, como bárbaros embriagados, tantas vezes haviam invadido e pilhado a bela Itália e ainda ameaçavam com novas invasões e pilhagens. Os príncipes laicos se alegravam de que, com a nova doutrina, também poderiam desfrutar dos antigos bens da Igreja. Os altos prelados já refletiam se não poderiam desposar suas cozinheiras e deixar paróquias, dioceses e abadias como herança para os filhos varões. As autoridades municipais se alegravam com uma nova ampliação de sua independência. Cada qual tinha algo a ganhar e secretamente pensava em suas vantagens terrenas. Entretanto lá estava um homem acerca do qual estou convencido de que não pensava em si próprio, mas apenas nos interesses divinos que devia defender.

Na época já ocorria certa instabilidade social e econômica, em vista do descompasso entre o crescimento populacional e o de recursos e da tensão política entre nobreza, cavaleiros, cidades, o imperador e o papa, sendo variada a receptividade à Reforma por cada um dos membros da sociedade de acordo com suas crenças e conveniências. O certo é que houve maior pressão por reformas mais amplas nas vidas religiosa, social e política e a ameaça de revolta, no período de 1521 a 1524. A luta acabou eclodindo de 1524 a 1526, as chamadas revoltas ou guerras dos camponeses, iniciadas na região da Floresta Negra e do Lago Constança e se propagaram para a Alta Suábia, Francônia, Turíngia, Saxônia e, isoladamente, atingiram o leste da Prússia. Houve a participação de 300 mil camponeses armados, que lograram vitórias no início, mais pelo fato de que os príncipes que poderiam combatê-los estavam na Itália, acompanhando Carlos V contra o rei Francisco I da França. Após a vitória de Carlos V os nobres retornaram e sufocaram a rebelião, que resultou na morte de 100 mil camponeses e na invalidez de outros milhares. Foi uma revolução social fracassada, que teve como consequência o aumento do poder dos governantes territoriais.

Havia razões políticas e econômicas para o apoio da nobreza à Reforma. Para ela era conveniente escapar da tributação e jurisdição papais, bem como a possibilidade de se apropriarem dos bens da Igreja. A adesão das cidades aos princípios da Reforma foi

rápida e significativa: em 1530 já atingia dois terços delas, embora de formas distintas, de acordo com as características locais. Em Genebra surgiu o calvinismo, criado pelo francês João Calvino (1509-1564), que se tornou a mais influente e duradoura variante da Reforma. Em Münster, em 1534, o anabatista João de Layden (1509-1536) implantou uma ditadura teocrática, que instituiu a posse comum da propriedade, a proibição do uso do dinheiro, uma rígida regulamentação da vida pessoal, a poligamia e o terror. O termo anabatista, de origem grega, e que significa “batizar novamente”, aplica-se às diversas seitas surgidas nos tempos da Reforma, que tinham em comum estabelecerem que o batismo só deve ser ministrado a adultos, por terem discernimento para escolher sua religião. Assim, mesmo os adeptos que já tenham sido batizados são rebatizados, daí o termo *Wiedetäufer* em alemão. João, aprendiz de alfaiate, daí o epíteto “rei-alfaiate”, nasceu na atual Holanda, mas mudou-se para Münster, onde arregimentou um exército, cercou a cidade e se autoproclamou rei. Foi derrotado e preso pelo príncipe-bispo Franz von Waldeck, torturado e executado, juntamente com seu “chanceler” Bernhardt Krechting e seu carrasco Bernhard Knipperdolling. Seus corpos foram colocados em três gaiolas de ferro, depois penduradas na torre da igreja de São Lamberto, e nelas lá deixados para que apodrecessem. Os ossos foram retirados após cerca de cinquenta anos, mas as gaiolas lá permaneceram.

Esse episódio juntamente com o já mencionado sequestro dos restos mortais dos Três Reis Magos por Frederico I, o Barba-Ruiva, da Basílica de Sant’Estorgio, em Milão, e sua deposição na Catedral de Colônia serviram de inspiração para a irônica proposta de Heine de que o mesmo se fizesse com as três cabeças coroadas da Santa Aliança a saber, o czar da Rússia, o kaiser da Áustria e o rei da Prússia. Usando os três esqueletos como símbolos, propôs que os mesmos fossem colocados em gaiolas e pendurados na torre da igreja de São Lamberto, em Münster (Capítulo IV de *Deutschland. Ein Wintermärchen*):

Die drei Könige aus Morgenland,  
Die können wo anders logieren

O três reis magos do oriente  
Podem se alojar noutro lugar.

Folgt meinem Rat und steckt sie hinein  
In jene drei Körbe aus Eisen  
Die hoch zu Münster hängen am Turm

Segue meu conselho e os enfia lá  
Em três cestos de ferro,  
Em Münster pendurados no alto  
da torre

Der Sankt Lamberti geheißten.

Que São Lamberto se chama

Der Schneiderkönig saß darin  
Mit seinen beiden Räten,  
Wir aber benutzen die Körbe jetzt  
Für andre Majestäten.

O Rei-alfaiate ficou lá  
Com seus dois conselheiros,  
Mas agora usemos os cestos  
Para outras majestades.

Zur Rechten soll Herr Balthasar,  
Zur Linken Herr Melchior schweben,  
  
In der Mitte Herr Gaspar – Gott weiß, wie einst  
  
Die drei gehaust in Leben!

À direita o Senhor Baltazar,  
À esquerda o Senhor Melchior  
pendem,  
No meio Senhor Gaspar – Sabe  
Deus, como antes  
Os três ficavam em vida!

Die heilige Alliaz des Morgenlands,  
Die jetzt kanonisiert,  
Sie hat villeicht nicht imer schön  
Und fromm sich aufgeführt.

A santa Aliança do oriente,  
Que agora canoniza,  
Talvez nem sempre bem  
E virtuosa se tenha comportado.

Der Balthasar und der Melchior,  
Das waren vielleicht zwei Gäuche  
In der Not eine Konstitution  
Versprochen ihrem Reiche.

O Baltazar e o Melchior  
Eram talvez dois néscios  
Que em apuros uma Constituição  
Aos seus reinos prometeram.

Und später nicht Wort gehalten -  
  
Herr Gaspar, der König der Mohren,  
Vielleicht mit schwarzem Undank sogar  
Belohnt sein Volk, die Toren!

Depois não mantiveram suas  
palavras-  
Senhor Gaspar, rei dos mouros,  
Talvez com ingratidão até  
Tenha seu povo recompensado, os  
tolos!

As duas últimas estrofes referem-se aos reis prussianos que, pressionados pelos liberais, prometeram a elaboração de uma constituição. Frederico Guilherme III, em 1815, após a derrota de Napoleão, mas morreu em 1840 sem cumprir a promessa. Seu filho e sucessor, Frederico Guilherme IV, também não se empenhou em cumpri-la. Essa aversão a uma constituição é explicada por J. L. Talmon em *Romantismo e revolta*:

Nenhuma outra dinastia na Europa, nem sequer os Bourbons ou os Habsburgos, poderia afirmar ter criado seus domínios como os Hohenzollerns o tinham conseguido, juntando entre si, a pouco e pouco, territórios díspares que depois consolidaram num todo único. Foram auxiliados por um exército de comando quase hereditário e por uma burocracia que devia toda sua lealdade ao rei e se orgulhava de o servir, bem como ao Estado prussiano. Os reis prussianos não queriam ouvir de falar de constituições escritas.

Os acontecimentos em Münster foram abordados por Heine também em *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*:

“ (...) Em Münster o sensualismo passeou nu pelas ruas, na figura de Jan van Leiden, e se deitou com suas doze mulheres naquele grande leito que ainda hoje pode ser visto no conselho da cidade. Por toda parte se abriram as portas dos conventos, e freiras e mongezinhos se abraçavam e beijocavam uns aos outros. A história aparente dessa época, com efeito, consiste quase exclusivamente em revoltas sensualistas. Mais tarde veremos o quão pouco restou disso, como o espiritualismo novamente reprimiu esses desordeiros, como paulatinamente assegurou a soberania no norte, mas foi mortalmente ferido por um inimigo que nutriu em seu próprio seio, a saber: a filosofia.”

Com as “descobertas” nas Américas, houve grande expansão na economia europeia e mudanças nas relações comerciais internacionais. O fluxo comercial deslocou-se para a costa do Atlântico, o poderio naval da Inglaterra cresceu, bem como a importância dos reinos da França e da Espanha. Na Alemanha, cidades no interior e no Báltico, que antes estavam na rota comercial, perderam importância.

Nas décadas finais do século XVI e nas primeiras do século XVII, a economia europeia entrou em recessão e declínio e a tensão social na Alemanha aumentou, resultando em revoltas camponesas e agitações nas cidades. A rivalidade entre católicos

e protestantes recrudesceu, levando à criação das organizações de caráter militar, a Liga Protestante e a Liga Católica. A conjuntura era de hegemonia do Sacro Império Romano-Germânico (sob controle da igreja católica e dos Habsburgos), contrariando interesses da França e da Suécia e de disputas internas entre os príncipes alemães e destes com o Império. O resultado foi uma série de conflitos de 1618 a 1648, denominados genericamente de “Guerra dos Trinta Anos”. Foram conflitos muito complexos, envolvendo quase todos os países europeus, e principados e territórios independentes alemães, terminando com a derrota do Império, que foi forçado a aceitar o Tratado de Vestfália, estabelecendo: a liberdade de religião (que não poderia mais ser imposta pelos príncipes a seus súditos); a independência dos Países Baixos da Espanha; ganhos territoriais para a França, principalmente a Alsácia; que a Suécia ampliasse seu controle sobre o Báltico e tomasse posse da Pomerânia alemã ocidental e de alguns portos fluviais alemães.

Consequências da Guerra dos Trinta Anos:

- a França emerge como poder dominante na Europa;
- a Espanha perde os Países Baixos;
- o Tratado de Vestfália torna-se o fundamento da constituição alemã e base para todos os acordos até o fim definitivo do Império, em 1806;
- os pequenos territórios germânicos ficaram arrasados, física e economicamente, pois foram o principal campo de batalha. Foram saqueados pelos mercenários que participaram da guerra. Várias vilas e cidades deixaram de existir. A população foi reduzida à metade.

Cerca de 350 estados alemães tornaram-se praticamente independentes do imperador, o que atrasou a unificação da Alemanha, pois, apesar de o Império ter deixado de ser o arcabouço para a formação de um Estado unificado com governo centralizado, continuou exercendo funções jurídicas e proteção política que os protegeram frente à ameaça de domínio e exploração por vizinhos maiores. Entretanto, essa estrutura de pequenos principados (*Kleinstaaterei*) levou a que a Alemanha fosse vista como atrasada e provinciana se comparada aos outros Estados europeus ocidentais.

O que seria de grande importância, a longo prazo, para o futuro da Alemanha foi a ascensão da Prússia-Brandemburgo que, no século XIX, assumiu a égide da unificação da “pequena Alemanha” (*Kleindeutschland*), com a exclusão da Áustria.

A atividade intelectual e filosófica ao longo de todo o século XVIII transcorreu no âmbito do movimento a que se deu o nome de Iluminismo (*Aufklärung*), sequência

natural da chamada Revolução Científica iniciada no século anterior, tendo como principais protagonistas Francis Bacon, René Descartes, Barouch Spinoza, John Locke e Isaac Newton. Para o Iluminismo só a razão era fonte de autoridade e legitimidade. Defendia as ideias de liberdade individual, tolerância religiosa, fraternidade, progresso, governo constitucional com separação entre Igreja e Estado. No Iluminismo o protagonismo foi francês, tendo como expoentes Voltaire, Diderot, Rousseau, Montesquieu e d’Alambert, na Grã-Bretanha David Hume e Adam Smith e na Alemanha Immanuel Kant. O Iluminismo opunha-se às monarquias absolutistas e ao dogmatismo da Igreja Católica. Alguns monarcas foram influenciados pelas ideias iluministas, como José II da Áustria, que fez algumas concessões importantes aos judeus, e Frederico II, o Grande, da Prússia (1740-1786) que, fascinado pela cultura francesa, correspondia-se com Voltaire e até levou-o para a corte prussiana. Heine não tinha o menor apreço por Frederico II, que ele considerou o “materialismo coroado”. Sobre Frederico II escreveu em *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha* (p.76):

“Sabem que compunha versos em francês, que tocava flauta muito bem, que venceu a Batalha de Rossbach, que cheirava muito rapé e só acreditava em canhões. Certamente alguns de vocês já visitaram Sanssouci, e o velho inválido que cuida do castelo já lhes mostrou, na biblioteca, os romances franceses que Frederico lia na igreja, quando príncipe herdeiro, e que mandara encadernar em marroquim preto, a fim de que seu severo pai pensasse que estava lendo um livro de cânticos luteranos. Vocês o conhecem, o rei-filósofo, a quem vocês chamaram de Salomão do Norte (v. nota de rodapé). ... Por causa dessa dilação pelos talentos estrangeiros, Frederico, o Grande, não pôde naturalmente exercer uma influência muito forte sobre o espírito alemão. Ao contrário, ele melindrou, feriu o sentimento nacional alemão. O desprezo que Frederico, o Grande, votou à nossa literatura é mesmo de nos causar nojo.”

Os ideais iluministas, que incluíam ativismo político e social, inspiraram a Revolução Francesa de 1789, de consequências profundas para a história do mundo ocidental. A versão alemã do iluminismo (*Aufklärung*) surgiu em meados do século XVIII, num contexto político e social mais compatível com a tradição religiosa e de governos germânicos mais autoritários, diferentemente da França. O maior pensador do *Aufklärung* foi Immanuel Kant (1724-1804), que pregava a coragem de usar a razão para

pensar, livre de qualquer tutela, inclusive a autotutela. O *Aufklärung*, entretanto, não levou os alemães à ação, como o Iluminismo na França o que, paralelamente à efervescência cultural na Alemanha, nos campos da literatura, teatro e música, ao longo do século XVIII, valeu ao país o epíteto de “terra de poetas e filósofos”, aplicado depreciativamente pelos franceses, mas pelo qual a cultura alemã é até hoje reverenciada.

Wolfgang Iser, no posfácio de *Contribuição história da religião e da filosofia na Alemanha*, de Heine, com base nas suas *Samtliche Werke*:

Para Heine, é um traço do caráter nacional alemão que, ali onde o francês se decide à ação, o alemão repita essa mesma ação apenas no plano do pensamento – o que significa, na metáfora de Heine, que a repita como sonho. Como escreve certa vez da Inglaterra, em 1828, isso vem, sobretudo, do fato de que o alemão, inclinado por essência ao devaneio, nada tem pelo que lutar,

“e como começou a supor que, no entanto, poderia haver coisas cuja posse fosse desejável, seus filósofos, prudentemente o ensinaram a duvidar da existência dessas coisas”.

Os alemães são, diz-se numa passagem, um povo metódico: foi preciso começar com a Reforma, passar à filosofia e, apenas depois de completada, seria a vez da revolução política. Mas essa ordem, acredita Heine, é de todo racional. Pois:

“As cabeças que a filosofia usa para a reflexão, a revolução posteriormente pode cortá-las para o que bem entender. A filosofia, porém, jamais poderia usar as cabeças cortadas pela revolução, se esta lhe precedesse”.

No capítulo VII de Deutschland. Ein Wintermärchen:

Franzosen und Russen gehört das Land,	Aos franceses e russos pertence a terra,
Das Meer gehört den Briten,	Aos britânicos o mar,
Wir aber besitzen im Luftreich des Traums	Nós, porém, no etéreo reino dos sonhos
Die Herrschaft unbestritten.	Temos o domínio irrestrito.

As reformas políticas e sociais que se faziam prementes na França foram implantadas de forma violenta e sangrenta pela Revolução Francesa, em 1789. A



princípio os alemães demonstraram interesse e certa solidariedade, mas achavam que as reformas de que também necessitavam poderiam ser alcançadas por meios mais pacíficos. Esse distanciamento tornou-se impossível quando os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa foram abandonados, e se implantaram na França o terrorismo de Estado e uma ditadura expansionista e imperialista, e a Alemanha foi atacada e invadida. O trauma do terror e o temor de uma revolução na Alemanha entranharam-se na cultura política alemã por todo o século seguinte. Em 1794, todo o território alemão a oeste do Reno passou para o domínio dos franceses, que alegavam ser a margem esquerda do rio a fronteira natural entre Alemanha e França. A cessão da margem foi sacramentada pelo Tratado de Lunéville em 1801 e a ocupação se estendeu até 1814, mas as consequências para a região, entretanto, foram duradouras.

Heinrich Heine nasceu em 1797, em Düsseldorf, na região ocupada e administrada pelos franceses. É natural, portanto, que tenha crescido influenciado pela cultura francesa e pelos ideais da Revolução Francesa, para ele relativamente recente, de liberdade, igualdade e fraternidade. Isso lhe valeu a acusação de francófilo, que ele rebate no prólogo de *Deutschland. Ein Wintermärchen*:

Acalmem-se, eu amo minha pátria tanto quanto vocês. (...) Sou amigo dos franceses, tal como sou amigo de todos os homens, se eles são razoáveis e bons, e porque eu próprio não sou tão burro e tão mau a ponto de desejar que os meus alemães e franceses, os dois povos eleitos da humanidade, torçam seus pescoços para o bem da Inglaterra e da Rússia, e para o prazer maldoso de todos os *junkers* e padres do planeta.

Segundo Martin Kitchen, em *História da Alemanha moderna*:

Em 1800, a Alemanha era um império decrepito, formado por centenas de insignificantes principados, cidades livres e estados eclesiásticos, que desde 1512 ostentara o impressionante título de Sacro Império Romano Germânico. Voltaire sarcasticamente comentou que ele não era nem santo nem romano, e certamente não era grande coisa como império. Quanto a germânico, a palavra na época não significava muita coisa.

Na região ocupada os franceses implantaram seus sistemas jurídico, judicial e administrativo e aboliram as relações sociais feudais. O Saar, a Alsácia e Lorena

voltaram a ser objeto de disputa entre Alemanha e França, e as relações entre os dois países azedaram por cerca de cento e cinquenta anos. Em razão da ocupação francesa houve grande rearranjo territorial, favorecendo alguns estados, que decidiram abandonar o Sacro Império Romano e se colocaram sob a proteção da França, formando a Confederação do Reno (*Rheinbund*), criada por Napoleão em 1806 e regida pelo Código Napoleônico. Era formada por dezesseis estados alemães, mais o ducado de Varsóvia. Nesse ano foi formalmente abolido o Sacro Império Romano-Germânico e introduzida uma série de reformas, inclusive a abolição da servidão.

Enquanto isso, na Prússia, “as reformas eram projetadas para fortalecer o Estado para poder, com o tempo, libertar as províncias que estavam sob ocupação francesa”. (Kitchen, 2013 p.19)

Ainda em setembro de 1806, Frederico Guilherme III (1797-1840) da Prússia declarou guerra à França e já em outubro foi derrotado na batalha de Jena, ensejando uma série de reformas no país.

“A Prússia quase desapareceu do mapa. Ela só sobreviveu graças à intervenção do czar e ao cálculo de Napoleão de que um estado intermediário entre a França e a Rússia talvez fosse desejável. (...) A Prússia foi despojada das suas recentes aquisições do território polonês. Elas se tornaram parte do novo Grão-ducado de Varsóvia. A Prússia foi obrigada a pagar terríveis indenizações e ficou sujeita à ocupação francesa até que as indenizações fossem completamente pagas.” (Kitchen, 2013, p.31)

A servidão foi formalmente abolida, embora, na prática, os camponeses não tivessem dinheiro para pagar aos proprietários as indenizações estabelecidas. Alguns privilégios dos nobres prussianos foram mantidos, como a jurisdição civil sobre seus antigos servos, até 1848, poderes policiais até 1872 e alguns poderes administrativos até 1891. Ensejando o surgimento de uma sociedade de classes, foi abandonado o conceito de estamentos, grupos com *status* estabelecido pelo nascimento, até então vigente, que cerceava a mobilidade social. Os nobres passaram a assumir atividades típicas do que seria a classe média, e os camponeses e burgueses poderiam, se tivessem recursos, adquirir terras da nobreza. Paralelamente foram abolidos o poder restritivo das guildas e algumas barreiras ao comércio. Com essas medidas criaram-se as precondições para um futuro sistema capitalista.

As guerras napoleônicas prosseguiram até que Napoleão foi derrotado pela coalizão da Áustria, Rússia e Prússia em 1813. A Confederação do Reno foi dissolvida, bem como os estados napoleônicos do norte da Alemanha.

Segundo (Kitchen, 2013, p.20), nessa época:

Uma noção um tanto vaga de uma identidade alemã foi articulada pela primeira vez no século XVIII. Ela se baseava nas peculiaridades culturais e linguísticas do mundo de língua alemã. Era abstrata, humanista, cosmopolita, filosoficamente refinada e apolítica. O intenso ódio aos franceses, causado pelas guerras revolucionárias, e napoleônicas, ao lado do comportamento inaceitável das tropas de ocupação, azedou esse nacionalismo incipiente. O cosmopolitismo se transformou em um sentimento arrogante de superioridade cultural. O apolitismo se tornou uma obsessão reacionária com um passado alemão mitológico. O refinamento foi destilado em uma obscuridade impenetrável, porém intoxicante. Os novos nacionalistas esperavam que, quando as guerras terminassem, uma Alemanha poderosa e unida emergiria, mas suas esperanças foram frustradas no Congresso de Viena, onde eles foram superados pelas necessidades das grandes potências europeias.

No início do século XIX a Alemanha ainda era um território agrícola, de aldeias, florestas, cidades medievais, palácios principescos, monastérios e catedrais, até o advento da revolução industrial que se daria na segunda metade do século. Após a derrota de Napoleão, o Congresso de Viena, em 1815, estabeleceu condições relativamente bem sucedidas para manter a paz na Europa durante a maior parte do século XIX.

Com fronteiras basicamente as mesmas, em 1815, no lugar do Sacro Império Romano, os estados alemães assinaram um decreto (*Bundesakt*) criando uma confederação, a Confederação Alemã (*Deutscher Bund*), constituída por 38 estados, 34 monarquias e 4 cidades livres. Dela fazia parte também Hanover, governada pelo rei da Inglaterra. Sua estrutura era inconsistente, pois não tinha nem chefe de Estado, nem órgãos executivos ou administrativos, nem sistema jurídico nem exército e nenhuma cidadania comum. A única instituição federal era Conselho Federal (*Bundestag*) que, em Frankfurt (daí ser chamado também de Parlamento de Frankfurt), reunia os delegados dos estados membros sob a presidência permanente da Áustria (Metternich). A Confederação Alemã seria um passo no sentido de uma unificação da Alemanha, que acabaria ocorrendo ao longo do século XIX, vencendo inclusive a resistência de estados

como a Baviera, com base em mitos e tradições locais (*Partikularismus*). “A não ser pelo fato de reprimir seus críticos, a Confederação era totalmente inútil”. (Kitchen, 2013, p.52)

No período de 1815 a 1848 (denominado de “Restauração”, ou “Pré-março” [*Vormärz*], em referência às lutas travadas na Alemanha, em março de 1848), ocorreram transformações políticas, socioeconômicas e culturais significativas. Talvez a mais importante tenha sido o fortalecimento e crescimento (com a aquisição dos territórios da Renânia e da Vestfália) da Prússia, o que era também de interesse da França, por proporcionar um território contínuo separando-a de sua rival, Rússia. Embora Frederico Guilherme III tenha abandonado o programa de reformas, as jurídicas e socioeconômicas da era napoleônica permaneceram em muitos territórios.

Quanto ao espírito da época, assim o descreve, Martin Kitchen, em *História da Alemanha moderna*:

Seu espírito é o do “Biedermaier”. A palavra é uma combinação dos nomes dos protagonistas de dois poemas satíricos, Biedermann e Bummelmaier. “Bieder significa convencional, comedido e um tanto insípido, com mais do que apenas um vestígio de provincianismo presunçoso. “Maier” é a pessoa comum, o João de Souza ou da Silva. Era um reflexo da atmosfera de paz e tranquilidade de restauração depois dos dias tumultuados da revolução. Jean Paul resumiu o espírito de Biedermaier quando falou sobre a “absoluta felicidade a ser encontrada na contenção”. Era uma atitude que permeava todos os aspectos da vida, da sociedade e das artes. A simplicidade reservada de um estilo essencialmente burguês se refletiu na literatura da época nas obras de Franz Grillparzer, Adalbert Stifter, Theodor Storm, Annette von Droste-Hülshoff, Ludwig Uhland e Eduard Mörike. A ênfase era mantida em descrições detalhadas, objetivas e imponentes da diversidade da natureza, que era muito diferente da anterior visão da natureza como um reflexo sentimental do eu. A ideologia Biedermaier serviu para ocultar as profundas mudanças que estavam ocorrendo na sociedade em decorrência da “dupla revolução”: as forças democráticas e emancipatórias desencadeadas em 1776 e 1789, aliadas às consequências sociais radicais da Revolução Industrial. Enquanto os escritores Biedermaier eram conservadores, os autores radicais do grupo da “Jovem Alemanha”, como Ludwig Börne, Georg Büchner, Karl Gutzkow, Heinrich Heine e Georg Herwegh pertencem ao pré-março.

O grupo Jovem Alemanha é bastante controverso, havendo até quem negue sua existência como grupo. No prólogo da edição bilíngue, *Alemanha. Um conto de inverno*, Romero Freitas e Georg Wink referem-se ao período *Vormärz* como “era de chumbo” para o pensamento crítico e criativo e acrescentam:

Autores que não suportavam esse estado de coisas – como Heine e Büchner – escolheram o caminho da emigração. Em 1835 foram proibidas todas as publicações desses dois autores, ao lado de uma série de outros que hoje estão praticamente esquecidos. Surgia assim um grupo literário que só existia como grupo através do decreto que os proibia, a “Jovem Alemanha”.

A proibição de suas obras mereceu de Heine um protesto velado no capítulo IV de *Deutschland. Ein Wintermärchen*, em que ele aborda sua visita a Colônia:

Der Cancan des Mitteralters Ward hier	O cancan da Idade Média foi aqui
Getantz von Nonen und Mönchen;	Dançado por freiras e monges;
Hier schrieb Hochstraaten, der Menzel von Köln,	Aqui escreveu Hochstraaten, o Menzel de Colônia,
Die gift'gen Denunziatiönchen	As venenosas denúnciaszinhas.

Hochstraaten foi o responsável, no século XVI, pela Inquisição em Colônia e as denúncias de Wolfgang Menzel, crítico literário nacionalista, levaram à proibição dos livros de Heine.

A relação de pertencimento de Heine ao grupo Jovem Alemanha é discutível. Em *História da literatura alemã*, Beutin escreve:

Heine estava então à frente da vanguarda literária, da qual faziam parte os escritores da chamada Jovem Alemanha (Gutzkow, Laube et al.), que, segundo as palavras (e o programa) de Heine, “não querem estabelecer diferenças entre viver e escrever, que nunca separam a política da ciência, arte e religião, e que são ao mesmo tempo artistas, tribunos e apóstolos”. Heine definiu conceitualmente essa ideia de uma literatura operativa a partir de 1835 – de início, prescindindo ceticamente da expressão poética, por se concentrar no jornalismo crítico (artigos para o jornal *Augsburger Zeitung*, reelaborados em

1954 no volume *Lutetia*); ao mesmo tempo ele demarcava-se de forma decisiva, e em parte declaradamente abrupta, dos autores da Jovem Alemanha, de tendência liberal, dos democratas radicais como Börne, e, mais tarde, dos poetas políticos como Herwegh, defendendo um socialismo influenciado por Saint-Simon e mais tarde por Marx.

Em *História concisa da Alemanha*, Mary Fulbrook escreve:

O romanticismo, associado a nomes como Novalis, Tieck, Hölderlin, Brentano, von Arnim, Hoffman, e os irmãos Schlegel, foi desafiado pelas obras daqueles conhecidos como membros do movimento da “Jovem Alemanha”, vagamente associados a Heinrich Heine.

O posicionamento de Heine em relação a seus colegas de letras é coerente com o seu na sociedade, como observa Walter Grab em *Heinrich Heine als politischer Dichter*:

(...) Como não se sentia pertencente nem à, entre as classes, “dispersa *Intelligenz*”, nem à burguesia, nem ao proletariado, e nem tencionava ligar-se inteiramente a nenhum agrupamento político, mesmo no auge de seu cosmopolita e revolucionário entusiasmo, suas dúvidas nunca se dissiparam totalmente da consciência.

Na introdução à edição em português, tradução da edição inglesa, pela Editora Madras de *História da religião e da filosofia na Alemanha*, Terry Pinkard cita Sammons, biógrafo de Heine, quanto ao seu posicionamento político:

(...) aparentemente não teve quaisquer ideias sobre a estrutura formal das instituições políticas, exceto pelo fato de antipatizar com o parlamentarismo, desejar a derrocada da nobreza e ter uma opinião pessoal inclinada ao monarquismo.

Em Beutin, *História da literatura alemã*:

Heinrich Heine, que a si próprio se via como ‘o último rei romântico deposto’ do romantismo (alemão), segue na esteira de Byron, o representante do romantismo liberal do ocidente europeu, e combatente ativo nas lutas de libertação da Grécia. (...) A ela se associam os fenômenos da *Zerrissenheit* (dilaceramento interno), das figuras hamletianas e das ‘naturezas problemáticas’ que podem ser interpretadas como expressão de uma primeira crise fundamental da identidade social dos intelectuais da oposição na época da Santa Aliança e da Restauração de Metternich.

No capítulo XX de *Deutschland. Ein Wintermärchen*, ao ser inquirido pela mãe quanto às suas convicções políticas, saiu-se pela tangente e não respondeu:

“Mein liebes Kind! Wie denkst du jetzt?	“Meu filho querido! Quais são tuas ideias agora?
Treibst du noch immer aus Neigung Die Politik? Zu welche Partei Gehöst du mit Überzeugung?”	Como sempre, por tendência, ainda Estás metido em política? A que partido Pertences por convicção?
“Die Apfelsinnen, lieb Mütterlein, Sind gut, und mit wahren Vergnügen Verschlucke ich den süßen Saft, Und ich lasse die Schalen liegen.”	“As laranjas, querida mãezinha, Estão ótimas, e com verdadeiro prazer Sorvo o doce suco, E largo as cascas.”

Considere-se que Heine nasceu em família burguesa judia e que tinha um tio banqueiro que lhe custeou os estudos e chegou a montar para ele um comércio de roupas, falido em poucos meses por inaptidão dele para os negócios. Embora preconizasse para a Alemanha reviravoltas revolucionárias, a ele não era estranho o culto dos românticos aos valores medievais. Os ideais sócio-políticos de Heine e suas aspirações estéticas, ligadas ao passado romântico, são indissociáveis, bem como não impediam seu convívio com a alta burguesia parisiense. Esse dilaceramento interno de Heine manifesta-se no capítulo VII de *Deutschland. Ein Wintermärchen*, quando, em sonhos, Heine visita pela segunda vez a catedral de Colônia, e um vulto escuro o segue, como um lictor, e com um machado destrói os esqueletos dos Três Reis Magos, afastando do poeta o dilema:

(...)

Ich gab ihm zur Antwort lachenden Muts:

“Vergebens ist deine Bemühung!

Ich sehe, dass du der Vergangenheit

Gehörst in jeder Beziehung.

Fort! Fort von hier! Im tiefen Grab

Ist eure natürliche Stelle.

Das Leben nimmt jetzt in Beschlag

Die Schätze dieser Kapelle.

Der Zukunft fröhliche Kavallerie

Soll hier im Dome hausen,

Und weich ihr nicht willig, so brauche ich Gewalt

Und laß euch mit Kolben lausen!”

So sprach ich, und drehte mich um,

Da sah ich fuchtbar blinken

Das stummen Begleiters fuchtbares Beil –

Und er verstand mein Winken

Er nahte sich, und mit dem Beil

Zerschmetterte er die armen

Skelette des Aberglaubens, er schlug

Sie nieder ohn’ Erbarmen.

Eu lhe respondi com sorridente  
ousadia

“Inútil teu esforço!

Eu vejo que ao passado

Pertences em todos os sentidos.

Fora! Fora daqui! Uma cova funda

É teu lugar natural.

A vida confisca agora

Os tesouros desta capela.

A feliz cavalaria do futuro

Vai na Catedral morar

E se não sumir por bem, vou usar a  
força

E com uma maça te catarei os  
piolhos!”.

Falei e me virei,

Então vi terrivelmente cintilar

O terrível machado de meu mudo  
acompanhante -

E ele entendeu meu aceno

Aproximou-se, e com o machado

Destroçou os pobres

Esqueletos dos supersticiosos, ele

Os abateu sem misericórdia.

Entre Heine e Marx pode-se considerar que a influência foi mútua. Heine era quase vinte anos mais velho que Marx e tiveram uma convivência muito próxima durante o exílio de ambos em Paris, antes de Marx ser expulso da França. O que havia



era mais uma comunhão de ideias e da avaliação quanto à situação na Alemanha no *Vormärz*. Ao contrário de Marx, entretanto, Heine não acreditava numa ditadura do proletariado, pois este não teria capacidade de avaliar as conexões históricas, tarefa para intelectuais. (Grab, p. 97)

O ideal de Heine era a utopia política de uma meritocracia, com uma personalidade genial e carismática no topo. (Grab, p. 110)

No posfácio de *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*, Wolfgang Wieland destaca:

(...) Como quer que seja, em seu escrito posterior sobre Feuerbach, em 1885, Friedrich Engels reivindicou Heine para a pré-história do marxismo, reconhecendo que Heine foi o primeiro a ver que a futura revolução sairia da filosofia de Hegel e não seria consequência do liberalismo. Também permanece digno de nota que, nos esboços das *Cartas sobre a Alemanha*, escritas em 1843, Heine caracterizou, numa expressão que lembra muitas formulações posteriores de Marx, o proletariado como sustentáculo e os filósofos como os guias da grande revolução, e que posteriormente viu no comunismo o verdadeiro problema de sua época.

Marcelo Backes em *Heine, crítico do capital*, destaca algumas manifestações de Heine como precursor de Marx:

(...)

Em um dos *Fragmentos ingleses*, obra de 1828, Heinrich Heine descreve pela primeira vez – bem antes de Marx, que havia nascido em 1818 – a mercadoria na condição de fetiche maior da sociedade burguesa.

(...)

Em 20 de junho de 1842, quando Marx recém esquentava as máquinas de sua grandiosa produção, Heine escreveu em um dos ensaios de *Lutécia*, depois de dizer que o verdadeiro herói da referida obra era o movimento social: “O comunismo é nome secreto do antagonismo terrível que opõe a soberania do proletariado, em todas as suas consequências, ao atual regime burguês. E o duelo entre os dois haverá de ser terrível.”

(...)

Já em *William Ratcliff*, peça escrita no últimos três dias do mês de janeiro de 1821 – portanto três anos depois do nascimento de Marx -, Tom, um dos

membros do bando de Ratcliff, divide os homens em duas nações, que se guerreiam selvagememente: “os fartos de pança cheia e os que passam fome”.

Quanto ao previsto embate entre as forças sociais antagônicas, Heine escreve em *Contribuição à história da filosofia e da religião na Alemanha* (p128): “Na Alemanha, será representado um espetáculo em comparação com o qual a Revolução Francesa poderá parecer um inocente idílio.”.

Em *Heine als politischer Dichter*, Walter Grab transcreve um trecho de *Cartas sobre a Alemanha*, em que deixa Heine transparecer também ideias de Marx, ou que com ele tinha em comum:

“A eliminação da crença no céu tem uma importância não só moral, mas também política: as massas não toleram mais, com paciência cristã, sua miséria terrena e exigem bem-aventurança aqui na terra. O comunismo é a consequência natural dessa mudança na visão do mundo e se expande por toda a Alemanha. É também um fenômeno natural que os proletários, em sua luta contra a situação, tenham como guias os espíritos mais progressistas e os filósofos das grandes escolas e passem das doutrinas aos fatos, ao objetivo final do pensar, e formulem o programa”.

Esse “programa” era a perspectiva de uma sociedade de abundância.

Em *Deutschland. Ein Wintermärchen* (capítulo I), Heine volta ao tema:

Wir wollen auf Erde glücklich sein	Queremos sobre a Terra ser felizes
Und wollen nicht mehr darben	Não queremos mais sofrer
	privações;
Verschlemmen soll nicht der faule Bauch	O preguiçoso não pode se locupletar
Was fleißige erwarben	Com o que os diligentes produzem.

Em *Ludwig Börne, um memorial*, de Heine, Backes destaca a semelhança de algumas passagens com o *Manifesto Comunista*, de Marx. Backes considera ainda que a influência de Heine sobre o marxismo foi imensa, mas

(...) subestimada devido à omissão em inúmeras referências de Marx ao poeta – entre elas a famosa metáfora do ‘ópio do povo’, que Marx tomou emprestado de um escrito de Heine sobre Ludwig Börne, publicado em 1840: ‘Viva uma religião que derrama no amargo cálice da humanidade sofredora algumas gotas doces, soníferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fé e esperança’.

Algo nesse sentido Heine já havia escrito, em 1834, em *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*, quando se referiu ao crucifixo como “talismã estupefaciente”. E prossegue: “Aquele talismã está podre, e virá o dia em que se despedaçará lastimavelmente”. (p.128)

Heine parecia não ter fortes convicções religiosas. Nasceu em família judia, com o nome de Henry Heine e posteriormente, visando maior chance de aceitação e de acesso a um emprego como professor numa sociedade que discriminava os judeus, em 1825, fez-se batizar no protestantismo, com o nome de Heinrich. Esse batismo, segundo suas próprias palavras, seria “um bilhete de acesso à cultura europeia”. Não conseguiu ser professor, mas consagrou-se como escritor. Essa “conversão” não lhe abriu nenhuma porta e ele arrependeu-se, como confessa em carta a seu amigo Moser, em 1826: (na introdução à edição em português, tradução da edição inglesa, pela Editora Madras de *História da religião e da filosofia na Alemanha*)

Sou agora odiado pelos cristãos e pelos judeus. Arrependo-me muitíssimo de ter sido batizado; não vejo sinal algum de que a situação tenha melhorado para mim desde então. Ao contrário: não vivenciei nada além de infortúnio daquele dia em diante.

No final da vida, entretanto, Heine revê seu posicionamento, como já dito anteriormente, no prefácio à segunda edição de *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland*, em 1852:

(...) Na verdade, nem uma visão, nem um seráfico arrebatamento, nem uma voz celestial, nem ainda um sonho notável ou uma aparição maravilhosa me pôs no caminho da salvação, e devo minha iluminação muito simplesmente à leitura de um livro. – De um livro? Sim, de um simples livro antigo, singelo como a

natureza e também natural como ela; um livro do dia-a-dia, despretensioso como o sol que me aquece, como o pão que nos alimenta; um livro que nos fita com tanta intimidade, com tanta bênção, com tanta benevolência quanto a velha avó que o lê diariamente com lábios amáveis, trêmulos, e óculos na ponta do nariz –, e esse livro se chama bem sucintamente o Livro, a Bíblia.

Para Heine, a doutrinação religiosa, especialmente a católica, levava à perpetuação da relação de domínio e dependência, através da submissão, da alienação e da acomodação, postergando a igualdade para o além: “A humanidade está farta de todas as hóstias e ávida de alimentos mais nutritivos, de pão verdadeiro e boa carne” (2). Heine desde 1831 estava auto-exilado em Paris, mas em final de outubro de 1843 resolveu ir à Alemanha visitar a mãe e ver de perto a situação no país, que ele acompanhava somente por correspondência e pela imprensa. De volta a Paris, em janeiro de 1844, aprimorou a narrativa dessa viagem, em versos que escreveu enquanto revia a pátria. Na carta com que encaminhou a obra a seu editor, em Hamburgo, fiel a seu estilo irônico, escreve: “Sabe, não quero me gabar, mas desta vez estou certo de que produzi uma obrazinha que causará mais furor que o mais popular dos folhetins e que, entretanto, terá um valor tão perene quanto uma poesia clássica.”. Essa “obrazinha” é *Alemanha. Um conto de inverno*, poema fantástico, em se misturam lirismo, sátira, humor, tragédia, crítica política, social e religiosa e, sobretudo, uma visão lúcida de sua época e uma antevisão das tragédias que a evolução dos acontecimentos na Alemanha iria causar até um século depois (nazismo e duas guerras mundiais).

No Capítulo I, o primeiro contato com a língua alemã, ao entrar no país, foi ouvindo uma pequena harpista cantar uma canção cristã de renúncia:

Sie sang von Liebe und Liebesgram	Ela cantava o amor e suas dores,
Aufopferung und Wiederfinden	Sacrifício e reencontro
Dort oben, in jener besseren Welt,	No além, num mundo melhor,
Wo alle Leiden schwinden.	Sem nenhum sofrimento.
Sie sang vom irdischen Jammertal,	Ela cantava o sofrimento terreno,

Von Freuden, die bald zerronnen.  
Vom Jenseits, wo die Seele schwelgt  
Verklärt in ewigen Wonnen.

Sie sang das alte Entsagungslied,

Das Eiapoieia vom Himmel,  
Womit man enthüllt, wenn es greint,

Das Volk, den großen Lümmel.

As alegrias, que logo se vão.  
O além, onde a alma goza  
Santificada em eterna glória.

Ela cantava a velha canção  
de renúncia.

A cantilena do céu,  
Com que se nina, quando ele  
choraminga,

O povo, o grande manhoso.

A essa canção de renúncia, Heine contrapõe:

Ein neues Lied, ein besseres Lied,

O Freunde, will ich euch dichten:  
Wir wollen hier auf Erden schon  
Das Himmelreich errichten.

Uma nova canção, uma canção  
melhor,

Oh amigos, eu quero lhes dizer:  
Nós queremos já aqui na terra  
Construir as riquezas celestes.

E continua mais adiante:

Es wächst hiernieden Brot genug

Für alle Menschinder,  
Auch Rosen und Myrten, Schönheit und Lust

Und Zuckererbsen nicht minder

O pão cá em baixo se  
multiplicaria o suficiente

Para todas as crianças,  
Também rosas e mirra,  
beleza e prazer,

E doces ervilhas não menos.

Ja, Zuckererbsen für jedermann,

Sobald die Schotten platzen!

Den Himmel überlassen wir  
Den Engeln und den Spatzen.

Sim, ervilhas pra todo  
mundo,

Tão logo as vagens se  
rompam!

Deixemos o céu  
Aos anjos e aos pardais.

Und wachsen uns Flügel nach dem Tod,	E se após a morte nos crescerem asas,
So wollen wir euch besuchen	Então queremos visitar-vos
Dort oben, und wir, wir essen mit euch	No alto, e nós comeremos convosco
Die seligsten Torten und Kuchen.	Os mais bem-aventurados tortas e bolos.

Em *Contribuição à história da religião e da filosofia*, Heine escreve:

Não queremos ser *sans-culottes*, nem cidadãos frugais, nem modestos presidentes: instauramos uma democracia de deuses igualmente esplêndidos, igualmente santos, igualmente ditosos. Vós exigis roupas simples, costumes sóbrios e prazeres insípidos; nós, ao contrário, exigimos néctar e ambrosia, mantos de púrpura, perfumes caros, lascívia e suntuosidade, dança de ninfas sorridentes, música e comédia – não vos indigneis, ó republicanos virtuosos!

A sociedade do futuro não deveria ser pobre e ascética, mas rica e democrática e ter acesso à fartura e ao prazer. Essa já era a visão de Heine em 1834, na sua *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*:

Quando a humanidade recobrar sua plena saúde, quando a paz entre corpo e alma for restabelecida e novamente e se unirem em sua harmonia original, mal se poderá compreender a artificial discórdia que o cristianismo semeou entre ambos. As gerações mais felizes e belas que, engendradas pelo amor livre, florescerão numa religião da alegria, sorrirão melancólicas, de seus pobres antepassados, que lugubrememente se abstiveram de todos os gozos desta bela terra e quase desapareceram, como frios espectros, pela mortificação de sua viva e ardente sensualidade! Afirmo com certeza que nossos descendentes serão mais felizes e belos do que nós. Pois acredito no progresso, acredito que a humanidade esteja destinada à felicidade e, por isso, tenho sobre a divindade uma opinião mais favorável do que essa gente pia, que presume que criou o homem para o sofrimento. Com a bênção de instituições políticas e industriais

livres, desejo instaurar, já aqui na terra, aquela bem-aventurança que, segundo a opinião dos pios, só ocorrerá no céu, com o Juízo Final. Aquela talvez seja uma esperança tão tola quanto esta, e talvez não haja ressurreição da humanidade nem no sentido político-moral, nem no católico-apostólico.

Em 1830, revoluções liberais na França, contra o absolutismo de Carlos X, foram o epicentro de movimentos similares em quase toda a Europa. Na Alemanha ocorreram em vários lugares e com diferentes motivações, envolvendo todas as camadas sociais.

No norte, em Brunswick, revoluções liberais contra o absolutismo do duque Carlos; no Hesse a burguesia, artesãos e operários exigiam uma constituição; na Saxônia, artesãos uniram-se contra a industrialização e exigiam reformas no governo; em Hanover, na cidade de Göttingen, protestos violentos contra o regime reacionário e manifestações de professores universitários, que por isso foram demitidos.

No sul, as manifestações foram menos violentas, mas, em Munique, foram reprimidas pelo exército. Em 1832, em Hambach (Palatinado) um “festival” foi organizado pela Associação de Imprensa e da Pátria, com a participação estimada de 20 a 30 mil pessoas, entre artesãos, estudantes, camponeses e representantes da França e da Polônia. O discurso foi mais cosmopolita, diferente do nacionalismo de Wartburgo, mas bandeiras preto-vermelhas foram exibidas.

A reação do governo prussiano contra os que ele considerava demagogos e radicais foi o envio de tropas do exército para sufocar as rebeliões, a criação de leis federais endurecendo a censura e proibindo associações e reuniões políticas. As agitações não cessaram e, com aprovação de Metternich, foi criada a Repartição Central de Investigação Política, que ao longo de dez anos realizou duas mil investigações que resultaram na prisão de 204 estudantes, muitos condenados a longas penas e 39 à morte. Fazer parte de uma fraternidade estudantil (*Buschenschaft*) passou a ser considerado alta traição.

O intervencionismo prussiano foi ironizado por Heine, no capítulo XXI de *Deutschland. Ein Wintermärchen*, ao abordar o incêndio que destruiu metade da cidade de Hamburgo:

Man schickte uns Kleider und Betten genug,

Nos enviaram bastantes roupas e colchões,

Auch Brot und Fleisch und Suppen!  
Der König von Preußen wollte sogar  
Uns schicken seine Truppen.

Também pão, carne e sopa!  
O rei da Prússia quis até  
Nos enviar suas tropas.

Sob a liderança da Prússia foi criada em 1834 a União Aduaneira (*Zollverein*), com a participação de 29 dos 38 estados alemães da época. A ideia era de que um mercado comum entre os estados seria essencial para o desenvolvimento e de que a eliminação de taxas entre eles seria o primeiro passo para a unificação política, sob a égide da Prússia. De fato, o rápido crescimento industrial da Prússia lhe valeu preponderância dentro da *Zollverein* e, posteriormente na Alemanha.

Boa parte da população compartilhava essas ideias, como as expõe um cidadão no capítulo II de *Deutschland.Ein Wintermärchen*:

“Der Zollverein”- bemerkte er –  
“Wird unser Volkstum begründen,  
Er wird das zerplitterte Vaterland  
Zu einem Ganzen verbinden.

“A Liga Aduaneira” – observou ele –  
“Fundará nossa nacionalidade,  
Nossa estilhaçada pátria  
Em um todo unirá.

Es gibt die äußere Einheit uns,  
Die sogenannt meterielle;  
Die geistige Einheit gibt uns die Zensur,  
Die wahrhaft ideelle –

Nos dá a unidade externa,  
A dita material;  
A unidade de espírito nos dá a censura,  
A verdadeiramente ideal -

Sie gibt die innere Einheit uns,  
Die Einheit im Denken und Sinnen;  
Ein einiges Deutschland tut uns not,  
Einig nach außen und innen.”

Ela dá a unidade interna,  
A unidade de pensamento e sentido;  
Precisamos de uma Alemanha única,  
Unida externa e internamente.”

Heine, no entanto, era crítico a essa intromissão prussiana. No mesmo capítulo, ao ter sua bagagem inspecionada pela aduana prussiana:

Beschnüffelten alles, kramten herum  
In Hemden, Hosen, Schnupftüchern;

Farejaram tudo, remexeram  
Camisas, calças, lenços;



Sie suchten nach Spitze, nach Bijouterien,	Procuravam rendas, bijouterias,
Auch nach verbotenen Büchern.	E também livros proibidos.

Ihr Toren, die ihr im Koffer sucht!	Seus tolos, que procuram na mala!
Hier werdet ihr nichts entdecken!	Aqui não vão encontrar nada!
Die Konterbande, die mit mir reist,	O contrabando que levo,
Die habe ich im Kopfe stecken.	Escondi na cabeça.

(...)

Und viele Bücher trag ich im Kopf!	E levo muitos livros na cabeça!
Ich darf es euch versichern,	Posso lhes assegurar,
Mein Kopf ist ein zwitscherndes Vogelnest	Minha cabeça é um ninho álaçre
Von konfizierlichen Bücehrn.	De livros confiscáveis.

No período a partir de 1815 a iniciou-se o processo de transformação de uma Alemanha predominantemente agrícola, com resquícios de feudalismo, em país industrializado. A industrialização, iniciada no norte do país, entretanto, tida como único meio de acesso ao desenvolvimento, acarretou profundas e traumáticas transformações sociais e econômicas. O crescimento das cidades, em detrimento do campo, levou ao aumento populacional desigual: no Pré-março, enquanto a população na Prússia cresceu 120 %, na Baviera esse crescimento foi de apenas 20 %. As condições de moradia deterioraram-se, tornaram-se estarrecedoras. Surgiu o proletariado industrial urbano. Além disso, o processo de industrialização enfrentava deficiências estruturais como transporte precário, escassez de recursos naturais, guerras constantes e inexistência de colônias no exterior como desvantagem frente aos países concorrentes. Para compensar a ineficiência da indústria alemã frente aos países mais industrializados, a Confederação Alemã lançava mão de impostos e tarifas elevadas. Mesmo assim, a concorrência com a indústria inglesa, principalmente a têxtil, era desvantajosa. Justamente no ramo têxtil a industrialização levou ao conflito com os tecelões artesanais que ela levou à miséria.

Em julho de 1844, na Silésia, premidos pela fome e pela miséria, com armas improvisadas, milhares de tecelões e suas famílias invadiram, destruíram e pilharam indústrias têxteis, bem como as casas dos proprietários. Foram reprimidos pelo exército

prussiano à custa da morte de 35 tecelões. Foi o primeiro movimento revolucionário envolvendo o proletariado alemão, visto por Arnold Ruge, antigo colaborador de Karl Marx, como apenas um ato de desespero de pobres famintos, abordado por ele em um artigo intitulado *O rei da Prússia e as reformas sociais. Por um prussiano*, publicado no jornal *Vorwärts*, editado em Paris, dirigido ao público de língua alemã. Esse artigo mereceu de Marx uma réplica, com o título de *Notas críticas ao artigo “O rei da Prússia e as reformas sociais. Por um prussiano”*, publicada em agosto do mesmo ano no mesmo jornal, em que ele diz:

Que o "prussiano" se situe, pois, do ponto de vista correto. Verá que nenhuma das revoltas dos operários franceses e ingleses teve um caráter tão teórico e consciente como a revolta dos tecelões silesianos. Lembre-se, antes de mais nada, a canção dos tecelões, aquela audaz palavra-de-ordem de luta na qual lar, fábrica e distrito não são mencionados uma vez sequer e na qual, pelo contrário, o proletariado proclama, de modo claro, cortante, implacável e poderoso, o seu antagonismo com a sociedade da propriedade privada. A revolta silesiana começa exatamente lá onde terminam as revoltas dos trabalhadores franceses e ingleses, isto é, na consciência daquilo que é a essência do proletariado. A própria ação traz este caráter superior. Não só são destruídas as máquinas, essas rivais do trabalhador, mas também os livros comerciais, os títulos de propriedade, e enquanto todos os outros movimentos se voltavam primeiramente contra o senhor da indústria, o inimigo visível, este movimento volta-se também contra o banqueiro, o inimigo oculto. Enfim, nenhuma outra revolta de trabalhadores ingleses foi conduzida com tanta coragem, reflexão e duração.

A rebelião inspirou Heine a escrever o poema *Os tecelões da Silésia*, publicado também no jornal *Vorwärts* e em panfletos na Alemanha.

*Die schlesischen Weber* (1844)

Os tecelões da Silésia\*

Im düstern Auge keine Träne,  
Sie sitzen am Webstuhl und  
fleetschen die Zähne:  
Deutschland wir weben dein

Sem uma lágrima no sombrio olhar,  
Ei-los sentados, de dentes cerrados,  
junto ao tear:  
Alemanha, a tua mortalha tecemos à

Leichentuch, Wir weben hinein den dreifachen Fluch – Wir weben, wir weben!	mão, E nela tecemos três vezes maldição – Ao tear, ao tear!
Ein Fluch dem Gotte, zu dem wir gebeten In Winterskälte und Hungersnöten;	Maldição ao ídolo a quem Rezámos com frio e fomes de inferno;
Wir haben vergebens gehofft und geharret, Er hat uns geöffit und gefoppt und genarrt – Wir weben, wir weben!	Em vão estivemos à espera e com 'sp'rança, E ele troçou de nós, riu-se da matança – Ao tear, ao tear!
Ein Fluch dem König, dem König der Reichen, Den unser Elend nich konnte erweichen, Der den letzten Groschen von uns erpreßt Und uns wie Hunde erschießen läßt Wir weben, wir weben!	Maldição ao rei, rei dos ricos,  Que não abrandaram os nosso cansaços, Que nos arrancou os últimos vinténs  E nos faz metralhar como a cães – Ao tear, ao tear!
Ein Fluch dem falschen Vaterlande, Wo nur gedeihen Schmach und Schande, Wo jede Blume früh geknickt,  Wo Fäulnis und Moder den Wurm erquickt – Wir weben, wir weben!	Maldição à pátria falsa e medonha, Onde apenas medram o roubo, a vergonha, Onde cada flor logo em botão se corta,  Onde os vermes se cevam de carne morta! Ao tear, ao tear!

Das Schiffchen fliegt, der Webstuhl    Voa a lançadeira, estala o tear,  
kracht,  
Wir weben emsig Tag und Nacht –    E nós noite e dia a tecer, a suar,  
Altdeutschland, wir weben dein    Velha Al'manha,    tecemos    tua  
Leichentuch,    mortalha à mão,  
Wir weben hinein den dreifachen    E nela tecemos três vezes maldição.  
Fluch,  
Wir weben, wir weben!    Ao tear, ao tear!

\*Tradução de Paulo Quintela [In Scheidl *et al.* (1996), *Dois Séculos de História Alemã (Sociedade, Política e Cultura)*, Coimbra, Ed. Minerva, pp. 123.]

Com a industrialização surgiram novos tipos de problemas, de injustiças e de formas de dominação. Tiveram início as lutas de classe.

A sociedade alemã era estruturada em classes, cada uma com sua cultura, seus interesses, seus conceitos políticos, suas ideologias, seus problemas. Não caberia aqui abordar o tema em profundidade, mas apenas sintetizá-lo, num esboço da estrutura de classes na Alemanha do *Vormärz*.

A aristocracia tinha no topo a nobreza, seguida dos grandes proprietários de terra, dos servidores públicos e dos militares. Sentia-se ameaçada pela classe média cada vez mais influente e com visão política diferente. Tinha o apoio dos conservadores contra os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade, principalmente o segundo, tido como subversivo e até antinatural.

O conservadorismo via na classe média urbana (capitalistas, intelectuais e funcionários públicos liberais) o perigo, com suas ideias de domínio da razão e exigência de constituição, em desacordo com os anseios do povo, que só queria paz e tranquilidade numa sociedade organizada e hierárquica, em cada um tinha consciência de seu lugar. Bem de acordo com o espírito *Biedermaier*. Defendia a Confederação Alemã e a Santa Aliança e via o nacionalismo como uma violação de direitos legítimos, consagrados pelo tempo e o liberalismo econômico como causa da separação capital/trabalho e do surgimento de um Estado burocrático e impessoal. Tinha a adesão dos artesãos, que viam seus ofícios ameaçados pela industrialização e opunham-se ao capitalismo, às reformas liberais e ao livre comércio. De fato, com a industrialização os

artesãos tiveram seu status rebaixado, passando a integrar a pequena burguesia (*Kleinbürgerschaft*), que temia o proletariado industrial, em que poderia se tornar.

Com a industrialização surgiram os magnatas industriais, adeptos do liberalismo e da promulgação de uma constituição. Preocupavam-se com a pobreza, pelo perigo dos problemas sociais que ela poderia originar. Detentores de poder econômico, antipatizavam com a aristocracia, e seu status social baseado em valores para eles anacrônicos.

Os liberais viam com reserva a economia capitalista, pelos problemas sociais que poderia trazer. A estabilidade e harmonia seriam mais importantes que crescimento econômico, numa pacata sociedade pré-industrial. Não destoavam do espírito *Biedermaier*. Para Marx tinham certa ambivalência com relação à modernidade. Preconizavam interferência mínima do Estado na vida dos cidadãos, que deveriam defender seus direitos e não esperar por concessões vindas de cima. As reformas, entretanto deveriam ser graduais, conduzidas pelos mais esclarecidos e ilustrados. Tinham horror a uma revolução liderada pela ralé incitada pelos radicais. Politicamente eram nacionalistas. Os representantes mais influentes do liberalismo eram os chamados *Akademiker*, membros da burguesia com instrução universitária, inacessível a quem não tivesse recursos: médicos, advogados, farmacêuticos, ministros evangélicos. Heine, aparentemente, tinha mais afinidade com o liberalismo.

Para os radicais as desigualdades sociais eram resultado da distribuição desigual de poder e exigiam soberania popular em uma república com parlamento único, eleito por sufrágio direto e universal. Como conseguir? Com uma revolução violenta, se necessário.

Nessa mixórdia de classes, ideologias, interesses, problemas e necessidades, não é de se estranhar que Heine não se encaixasse completamente em nenhuma das facções.

Em *Deutsche Realiste Schriftstellern*, Georg Lucács dedica a Heine o capítulo “Heinrich Heine als nationaler Dichter”, condensado a seguir:

Os acontecimentos na vida de Heine foram determinados pelas circunstâncias de ter vivido no início do capitalismo e de ter nascido em família pobre, mas com parentes multimilionários. Nessa época, na Alemanha, já havia condições para que escritores vivessem de sua produção literária, sem depender do mecenato de príncipes ou de empregos públicos. Heine era o mais popular e o mais lido escritor desse

período, entretanto, nunca conseguiu viver de seus escritos, mas Campe, seu editor, ficou rico. Cada nova edição significava uma luta com Campe, seja para ter pelo menos uma pequena parte dos honorários do editor, seja para defender a integridade dos textos, mutilados alegadamente por exigência da censura, mas muitas vezes por motivos espúrios, de interesse de uma política literária mafiosa. Essa impossibilidade de, como escritor, ser economicamente independente e depender humilhantemente de seus parentes ricos foi fatídica para sua vida pessoal e política. A moral pequeno-burguesa de seus críticos e biógrafos o acusava de ser leviano e esbanjador, embora o suporte financeiro que recebia, se comparado à fortuna da família, fosse uma bagatela, uma gorjeta. É verdade que Heine nunca foi um asceta. Nascido e criado na Renânia, a região de capitalismo mais desenvolvido da Alemanha, filho de uma classe que visava abarcar o poder político e econômico, era uma pessoa cujo esfuziante hedonismo dependia de bom suporte material, que o sistema não permitia alcançar com sua atividade literária. O tio banqueiro, Salomon Heine, havia prometido que no testamento lhe asseguraria uma pensão vitalícia, o que não se confirmou e os herdeiros durante anos negaram-se a pagar. Somente após humilhante contenda, Heine obteve a “mercê” dessa pensão. Em consequência desse episódio as memórias de Heine, que ele registrava com grande dedicação, desapareceram por intervenção da família, que temia eventuais inconfidências.

Wenn ich sterbe, wird die Zunge  
Ausgeschitten meiner Leiche;  
Denn sie fürchten, redend käm ich  
Wieder aus dem Schattenreiche.

Quando eu morrer, minha língua  
Será apartada de meu cadáver;  
Pois eles temem que eu volte  
Do reino das sombras falando.

Deve-se ter sempre em vista as circunstâncias da vida de Heine se se quiser fazer uma apreciação justa de sua trajetória política e jornalística. Essa trajetória é cheia de humilhantes tentativas de arreglo com os odiados e combatidos poderes da feudal e absolutista Alemanha. Ainda jovem, mas já escritor de sucesso, candidatou-se a uma cátedra em Munique e, por meio do editor Cotta, fez chegar aos ouvidos do governo que ele, no fundo, há muito não era mais tão radical. Antes e depois da

Revolução de Julho sondou, sem sucesso, junto ao governo prussiano a possibilidade de um *modus vivendi* entre eles. O recebimento de subvenção do governo Guizot foi o maior escândalo na vida de Heine. Esse lado sombrio de seu caráter é inegável, mas, para se fazer justiça, tem-se que levar em consideração as circunstâncias materiais de sua existência e o conjunto de sua produção literária. Naturalmente, não seria correto atribuir essa falta de firmeza, os arreglos, a corrupção etc. somente à insegurança material de sua vida, mas esta influiu no seu comportamento epicurístico inconstante e inescrupuloso. Heine tinha consciência dessas fraquezas e usava da ironia para atenuá-las, embora isso não desculpasse sua grosseira falta de decoro político. Em linhas gerais, entretanto, sua atividade como escritor representou uma luta inteligente e sem indulgência contra o absolutismo e o feudalismo alemão.

Luckács, no final do capítulo dedicado a Heine, atribui a pouca divulgação de sua obra ao esforço do reacionarismo alemão, em apagar seu nome da história de literatura alemã, cometendo uma injustiça para com o “maior escritor alemão desde Goethe”.

Os embates entre Heine e seu editor, Julius Campe, explicam-se pelas circunstâncias da época. A partir da década de 1820, com a introdução da máquina de fabricar papel e das impressoras rotativas, mais rápidas, houve a expansão acelerada da indústria editorial: jornais, revistas e livros, panfletos. Isso dentro de uma estrutura capitalista. A literatura de oposição vendia bem, mas era combatida pelo Estado por meio da censura e mesmo da proibição de autores, como foi o caso de Heine. Com isso, os editores, para quem o livro era mercadoria, corriam o risco de ter prejuízo e procuravam amenizar o ataque ao sistema, sem frustrar e perder os clientes leitores, para quem o atrativo era justamente o caráter oposicionista da obra. Heine teve que aceitar a mutilação de suas obras, como no caso de *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*, em que, no prefácio ele se queixa:

Quando a primeira edição deste livro saiu do prelo e tive em mãos um exemplar, fiquei não pouco estarecido com as mutilações, que por toda parte deixavam seu vestígio. Aqui faltava um adjetivo, acolá uma oração intercalada,

passagens inteiras haviam sido suprimidas sem consideração aos encadeamentos, de modo que não se perdeu apenas o sentido, mas por vezes também a intenção. O que guiou a mão nessas mutilações foi antes o temor a César do que o temor a Deus, e se eliminou, receosa, tudo aquilo que era politicamente capcioso, ele mesma conservou aquilo que era mais delicado no tocante à religião. Perdeu-se, assim, a verdadeira tendência patriótico-democrática deste escrito, e sinistramente surgiu diante de mim um espírito inteiramente estranho, que lembra as disputas escolástico-dogmáticas e repugna meu natural humanístico-tolerante.

Para restringir a difusão de ideias subversivas através de panfletos e revistas, de tiragem mais alta e preço baixo, mais acessível, portanto, a maior número de pessoas, o governo prussiano impôs que publicações com menos de 320 páginas fossem submetidas a censura prévia. Para driblar essa restrição, passou-se a reunir, num mesmo volume, mais de uma obra, para superar o número mínimo de páginas. Assim é que na primeira edição de *Deutschland. Um conto de inverno* juntou-se uma coletânea de poemas menos políticos. O editor lançou uma segunda edição em que a censura cortou alguns versos considerados ofensivos à corte prussiana, mas inexplicavelmente deixou passar o episódio (capítulo XXIII) em que Heine encontra num bordel Hammonia, que se apresenta como deusa protetora de Hamburgo, uma prostituta bêbada, pretensa filha de Carlos Magno. Hammonia, através de uma abertura no assento do que teria sido o trono de seu pai, permite que o poeta vislumbre o futuro da Alemanha que de tão tenebroso ele tem que prometer não descrevê-lo.

Após a frustrada revolução de 1848, Heine, já confinado pela doença (possivelmente sífilis) ao quarto, que ele chamava de “cova de colchões”, até sua morte, em 1856, continuou produzindo e, segundo Backes, “... foi de sua dor que nasceu sua melhor poesia”. Acometido de grande sofrimento físico, converteu-se, mas, fiel a seu estilo: “se eu voltei a ter um Deus, foi apenas para, no excesso da dor que me aflige, poder me permitir um punhado de blasfêmias: ao ateu um bálsamo desses não é concedido”.



## REFERÊNCIAS

- 1 – HEINE, Heinrich. *Alemanha. Um conto de inverno*. Trad. Romero Freitas e Georg Wink. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Crisálida, 2011.
- 2- HEINE, Heinrich. *Contribuição à história da religião e da arte na Alemanha*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- 3- FULBROOK, Mary. *História concisa da Alemanha*. Trad. Bárbara Duarte. São Paulo: Edipro, 2ª Edição, 2016.
- 4- KITCHEN, Martin. *História da Alemanha moderna*. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2013.
- 5- BACKES, Marcelo. *Heinrich Heine, crítico do capital*. Artigo.
- 6- GRAB, Walter. *Heinrich Heine als politische Dichter*. Frankfurt: Büchergilde Gutenberg, 1992.
- 7- LUCKÁCS, Georg. *Heinrich Heine als nationaler Dichter*. In: *Deutsche realisten des 19. Jahrhunderts*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1952.
- 8- BEUTIN, Wolfgang. *História da literatura alemã*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- 9- CARPEAUX, Otto Maria. *Literatura alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- 10- TALMON, J. C.. *Romantismo e revolta: Europa 1815-1848*. Trad. Tomé Santos Jr. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.